

Fábio Noronha: Quando eu vi as fotos... é sempre essa história: dá apenas para imaginar! No entanto, mais forte quando entrei aqui foi o cheiro, não foi o lugar ou experiência pictórica, o cheiro traz um tempo, uma temperatura, uma umidade, uma certa insalubridade que reforça a ideia de doença. Mas não dá pra imaginar que essa situação toda seja fruto de vandalismo: que a casa estava abandonada, daí alguém veio aqui e começou a pintar, ninguém faria isso tão exaustivamente, mas apenas a "anotar" de uma fala suja e tal; registraria e iria embora. A tua permanência é uma opção pelo lugar insalubre, por mostrar essa experiência pictórica desse jeito, tratada a partir desse guarda-chuva, dessa ideia de sonhos sujos.

Quando eu vejo isso, então, me vem à mente uma certa simulação por um lado, mas por outro também um teor de verdade da pintura, do tempo da permanência. Como você vê essa relação? É um exercício, vejo um regime que você coloca no teu corpo, pra deslocar a ideia de loucura; é um regime que você dá pro teu corpo: o lugar é meio insalubre, é fedido, é úmido, não é bom de ficar... não é exatamente um lugar de conforto. Ele também parece uma espécie de duplo da própria cabeça, do próprio mecanismo de formulação das coisas. É como se, num certo sentido, na minha experiência, eu estivesse vendo uma espécie de fatia do teu pensamento, a tua construção dos sonhos sujos, a dificuldade de narrar, de edificar, dar borda pra isso. Tem essa minha experiência, mas sabendo desse nome, do teu relato ou "diagnóstico", dá para enxergar aqui uma espécie de (não sei se seria essa a palavra) alegoria, talvez representação de uma loucura, de um regime de corpo atípico, de um sistema inadequado... Como você vê isso?

Leticia Cardoso: Digo de forma simples e direta que não tenho nenhuma dúvida de que esse trabalho é muito interessante. Quando eu vejo isso, então, me vem à mente uma certa simulação por um lado, mas por outro também um teor de verdade da pintura, do tempo da permanência. Como você vê essa relação? É um exercício, vejo um regime que você coloca no teu corpo, pra deslocar a ideia de loucura; é um regime que você dá pro teu corpo: o lugar é meio insalubre, é fedido, é úmido, não é bom de ficar... não é exatamente um lugar de conforto. Ele também parece uma espécie de duplo da própria cabeça, do próprio mecanismo de formulação das coisas. É como se, num certo sentido, na minha experiência, eu estivesse vendo uma espécie de fatia do teu pensamento, a tua construção dos sonhos sujos, a dificuldade de narrar, de edificar, dar borda pra isso. Tem essa minha experiência, mas sabendo desse nome, do teu relato ou "diagnóstico", dá para enxergar aqui uma espécie de (não sei se seria essa a palavra) alegoria, talvez representação de uma loucura, de um regime de corpo atípico, de um sistema inadequado... Como você vê isso?

Sonhos sujos / conversa errática

Sobrado na Ladeira, setembro de 2018.

F: Você acha que a própria ação da pintura como performance, a própria experiência da performance carregaria um erotismo? Fazer a pintura seria um pouco pensar o corpo como um objeto que estrutura a si mesmo engajado nessa eroticidade? Dá para pensar nesses termos?

Leticia Cardoso: Digo de forma simples e direta que não tenho nenhuma dúvida de que esse trabalho é muito interessante. Quando eu vejo isso, então, me vem à mente uma certa simulação por um lado, mas por outro também um teor de verdade da pintura, do tempo da permanência. Como você vê essa relação? É um exercício, vejo um regime que você coloca no teu corpo, pra deslocar a ideia de loucura; é um regime que você dá pro teu corpo: o lugar é meio insalubre, é fedido, é úmido, não é bom de ficar... não é exatamente um lugar de conforto. Ele também parece uma espécie de duplo da própria cabeça, do próprio mecanismo de formulação das coisas. É como se, num certo sentido, na minha experiência, eu estivesse vendo uma espécie de fatia do teu pensamento, a tua construção dos sonhos sujos, a dificuldade de narrar, de edificar, dar borda pra isso. Tem essa minha experiência, mas sabendo desse nome, do teu relato ou "diagnóstico", dá para enxergar aqui uma espécie de (não sei se seria essa a palavra) alegoria, talvez representação de uma loucura, de um regime de corpo atípico, de um sistema inadequado... Como você vê isso?

Conversa realizada entre Fábio Noronha e Leticia Cardoso, dia 01 de setembro de 2018, no porão do Sobrado na Ladeira, Lagoa da Conceição, em Florianópolis, Santa Catarina, em frente ao trabalho.

O primeiro corte de Sonhos Sijos, de Leticia Cardoso, foi apresentado ao público como site específico em 15 de setembro de 2018, e o segundo corte será em setembro de 2019 no Coletivo Elza, espaço Armazém, com o vídeo *Ladainha* e a distribuição dessa entrevista.

F: Tem um momento então que é de análise histórica, pra pensar que existe uma condição específica de acúmulo de processos que aos poucos foi constituindo essa coisa mesma: a casa está num lugar construído pra passagem de alguém, dá pra ver o reboco mais evidente ali embaixo do que lá em cima etc. Isso, independente da pintura, dá pra intervenção, é um assunto; e ele existe como condição mais ou menos específica, em qualquer situação. Essa constituição é um assunto que corre em paralelo; que também correu em paralelo no trabalho da saia, a umidade e o orvalho que você acabou de descrever. Quando você fala dessa saia que vai sendo caçalhada e tá sendo que observe o orvalho e se lubrifica, isso tem um sentido performático — que é lógico, simbólico, poético, mas que é performático, né? E quando você fala faz todo sentido: imediatamente a gente percebe onde está a erotividade, do que trata o movimento, qual é o desejo da pessoa que se movimenta dessa forma. Eu vejo essa pintura como um elemento que me faz ver a parede de outra forma, porque antes ela seria feita dessa regularidade, ou não regularidade dos acúmulos históricos, e agora ela também é isso, mas o que está em primeiro plano é um trabalho de pintura... não sei se decorativo, mas um trabalho que me faz ver a parede como suporte — para uma outra performance. Acho que esse sentido performático do teu trabalho, que está no trabalho das dunas, da saia e em alguns outros que você fez — também naquelas coisas que a gente gravou aquela vez, das estrelas — traz uma espécie de imagem ou proposição que tenta dar conta do teu corpo, da tua experiência como mulher. Nesse caso especificamente, parece que a pintura, além do sentido performático, não traz o lugar-comum da figura feminina, ou dessa condição que você apresenta: quando eu olho isso aqui não me ocorre perguntar sobre o gênero.

F: E esse embelezamento que é trazido pela pintura ou pela rasura ou por alguma coisa que marca um suporte, um território... acaba sendo uma espécie de resgate desse corpo, de uma certa sanidade também, não é? Porque a parede sem nenhum tipo de intervenção, na forma de um calabuço, de um sótão, de uma catacumba, na medida em que começa a ganhar uma condição que é o embelezamento vai fazendo com que esse lugar tenha uma experiência afetiva; não mais relacionada à clausura, mas à ideia de que na clausura você constrói um espaço de transposição mesmo: a clausura traz um espaço que é de investigação e de retirada da clausura; quanto mais você exercita seu corpo aí, quanto mais você mexe com essa parede que aos poucos foi ficando colorida, *mais* você não está aqui, mais você se retira da clausura — porque você para de interferir, ou reduz a velocidade: ver à distância é mais importante do que ver de perto. Essa movimentação típica da pintura — se aproximar, trabalhar, recuar — passa a ser cada vez mais reduzida, cada vez o tempo dela é mais intelectual, até que você a resolve como teoria... Então você não mais vê esse espaço como clausura, lugar de performance, mas como lugar de transposição mesmo, de retirada do teu corpo daqui. Ao constituir isso, que seria mais agradável de habitar, você é obrigada a sair daqui, não é? A constituição desse território seria exatamente a demarcação de um lugar que não é mais teu, e nesse sentido teria a ver com esse apagamento... com as dunas, por exemplo. Outra coisa é que existe uma pintura que não tem ou não quer ter composição; que é mais descomprimada em manter uma tradição modernista, por exemplo. Quando eu chego aqui, que não me comporta diante dessa pintura como se você tivesse diante de uma parede branca com um quadro imenso com as características

F: E mesmo que não houvesse nenhum vínculo o trabalho não vai ser nem incabado, né? Pois não faz sentido pensar em acabado ou incabado se não houver nenhum vínculo de ordem conceitual, política, econômica, social... Isso é muito rico, porque a gente consegue perceber que desfazer certas partes é necessário pra dar o lugar dele no mundo... não é poder carregar tudo: talvez esse trabalho não precise ter cabeça, ou talvez só possa ter cabeça, ele desfaz tudo o que o organismo, o corpo, que só tem uma parte, só tem mão, só acoplagens, só perna e braço... Essa ideia de um corpo que se desfaz constantemente, acho que dá bem rica pra pensar o trabalho se desfazendo, se reconfigurando, se repensando, dispensando partes e acessórios.

F: Como você edita o sonho, como você narra o sonho...

F: Mas se não houver nenhum vínculo o trabalho não vai ser nem incabado, né? Pois não faz sentido pensar em acabado ou incabado se não houver nenhum vínculo de ordem conceitual, política, econômica, social... Isso é muito rico, porque a gente consegue perceber que desfazer certas partes é necessário pra dar o lugar dele no mundo... não é poder carregar tudo: talvez esse trabalho não precise ter cabeça, ou talvez só possa ter cabeça, ele desfaz tudo o que o organismo, o corpo, que só tem uma parte, só tem mão, só acoplagens, só perna e braço... Essa ideia de um corpo que se desfaz constantemente, acho que dá bem rica pra pensar o trabalho se desfazendo, se reconfigurando, se repensando, dispensando partes e acessórios.

F: E mesmo que não houvesse nenhum vínculo o trabalho não vai ser nem incabado, né? Pois não faz sentido pensar em acabado ou incabado se não houver nenhum vínculo de ordem conceitual, política, econômica, social... Isso é muito rico, porque a gente consegue perceber que desfazer certas partes é necessário pra dar o lugar dele no mundo... não é poder carregar tudo: talvez esse trabalho não precise ter cabeça, ou talvez só possa ter cabeça, ele desfaz tudo o que o organismo, o corpo, que só tem uma parte, só tem mão, só acoplagens, só perna e braço... Essa ideia de um corpo que se desfaz constantemente, acho que dá bem rica pra pensar o trabalho se desfazendo, se reconfigurando, se repensando, dispensando partes e acessórios.

Diagnóstico do Médico Clínico Geral

Às 23 horas, deu entrada no pronto socorro do hospital, a jovem C.B.L. de 23 anos conduzida por três familiares. Ela exibia sinal febril, boa temperatura, pressão 12 por 8, frequência cardíaca de 88 batimentos por minuto, e mostrava os músculos enrijecidos. As pálpebras pestanejando e contração muscular muito evidente, mas que, ao comprimir a área mais dolorosa do externo, despertava dor. Acordava e voltava a dormir.

Quando abria os olhos, notava-se uma certa resistência muscular e o pestanejar continuava rápido, dado o diagnóstico de síndrome de neurastemia ou de abalos emocionais simulando uma crise convulsiva conduzida pela paciente.

Os familiares constrangidos narram que, até a hora do jantar, houve uma séria discussão sobre seu namorado. A paciente será deslocada para o Sanatório Sobrado na Ladeira, para o especialista em "transtorno de histeria", pois percebe-se que ela utiliza destes subterfúgios para fugir de uma realidade.

F: Você acha que a própria ação da pintura como performance, a própria experiência da performance carregaria um erotismo? Fazer a pintura seria um pouco pensar o corpo como um objeto que estrutura a si mesmo engajado nessa eroticidade? Dá para pensar nesses termos?

Leticia Cardoso: Digo de forma simples e direta que não tenho nenhuma dúvida de que esse trabalho é muito interessante. Quando eu vejo isso, então, me vem à mente uma certa simulação por um lado, mas por outro também um teor de verdade da pintura, do tempo da permanência. Como você vê essa relação? É um exercício, vejo um regime que você coloca no teu corpo, pra deslocar a ideia de loucura; é um regime que você dá pro teu corpo: o lugar é meio insalubre, é fedido, é úmido, não é bom de ficar... não é exatamente um lugar de conforto. Ele também parece uma espécie de duplo da própria cabeça, do próprio mecanismo de formulação das coisas. É como se, num certo sentido, na minha experiência, eu estivesse vendo uma espécie de fatia do teu pensamento, a tua construção dos sonhos sujos, a dificuldade de narrar, de edificar, dar borda pra isso. Tem essa minha experiência, mas sabendo desse nome, do teu relato ou "diagnóstico", dá para enxergar aqui uma espécie de (não sei se seria essa a palavra) alegoria, talvez representação de uma loucura, de um regime de corpo atípico, de um sistema inadequado... Como você vê isso?

F: Sobre essas camadas: experiência visual, de performance, e outra, que aos poucos vai sendo trazida, que de investigação teórica, às vezes a partir de outros campos... Você lida com algumas ideias que vêm da clínica pra avaliar e determinar o que é isso e o que é aquilo, o que é são e o que é doente, o que é sujeira e o que não é sujeira (risos), o que seriam os sonhos sujos e tal... Justamente essas camadas criam um trabalho mais difícil de aprender, porque ele exige de quem está aqui uma experiência mais lenta — para articular essas passagens — que incorpora além de você estar sempre em deslocamento, no hotel, prestes ir e embora: esse lugar, dentro da tua cidade, assim como o hotel, é um espaço que vai ser deixado de lado. Como a gente estava conversando, também tem a ver com isso *ficar aí*... como uma experiência formal. Então, como você traz esses outros elementos para garantir — será essa a palavra? — uma parte importante do trabalho que é falar sobre o deslocamento, o apagamento, sobre o acúmulo de linguagens, dos diversos campos? É pela produção do catálogo, pelo áudio, pela tua fala agora na entrevista? Como essas camadas que vão sendo sobrepostas? Seria uma rotina no teu trabalho que você adota dessa forma além de pensar o trânsito, o abandono, a coisa que fica, e como você vai dar conta dela pra que ela seja perpetuada? Elas vão ficar por aí por lá, mas tenho que dar um jeito de fazer com que isso não desapareça, embora da minha vida desapareça enquanto experiência? Você está prestes a se livrar da sensação de que a maior urgência é ir embora daqui, ir embora dos lugares depois que você realiza o que tinha de fazer, desde uma operação mais funcional como a ir a um restaurante almoçar até algo mais complexo como estar num lugar produzindo um trabalho de arte relacionado com o campo. Como são essas camadas de significados, como é por exemplo dizer que uma saia balançando no orvalho tem a ver com uma espécie de relação erótica? Como é pensar essa parede como um corpo sensível que vai sendo ativado, e no momento em que ele está completamente excitado vai embora?

F: E esse embelezamento que é trazido pela pintura ou pela rasura ou por alguma coisa que marca um suporte, um território... acaba sendo uma espécie de resgate desse corpo, de uma certa sanidade também, não é? Porque a parede sem nenhum tipo de intervenção, na forma de um calabuço, de um sótão, de uma catacumba, na medida em que começa a ganhar uma condição que é o embelezamento vai fazendo com que esse lugar tenha uma experiência afetiva; não mais relacionada à clausura, mas à ideia de que na clausura você constrói um espaço de transposição mesmo: a clausura traz um espaço que é de investigação e de retirada da clausura; quanto mais você exercita seu corpo aí, quanto mais você mexe com essa parede que aos poucos foi ficando colorida, *mais* você não está aqui, mais você se retira da clausura — porque você para de interferir, ou reduz a velocidade: ver à distância é mais importante do que ver de perto. Essa movimentação típica da pintura — se aproximar, trabalhar, recuar — passa a ser cada vez mais reduzida, cada vez o tempo dela é mais intelectual, até que você a resolve como teoria... Então você não mais vê esse espaço como clausura, lugar de performance, mas como lugar de transposição mesmo, de retirada do teu corpo daqui. Ao constituir isso, que seria mais agradável de habitar, você é obrigada a sair daqui, não é? A constituição desse território seria exatamente a demarcação de um lugar que não é mais teu, e nesse sentido teria a ver com esse apagamento... com as dunas, por exemplo. Outra coisa é que existe uma pintura que não tem ou não quer ter composição; que é mais descomprimada em manter uma tradição modernista, por exemplo. Quando eu chego aqui, que não me comporta diante dessa pintura como se você tivesse diante de uma parede branca com um quadro imenso com as características

F: E mesmo que não houvesse nenhum vínculo o trabalho não vai ser nem incabado, né? Pois não faz sentido pensar em acabado ou incabado se não houver nenhum vínculo de ordem conceitual, política, econômica, social... Isso é muito rico, porque a gente consegue perceber que desfazer certas partes é necessário pra dar o lugar dele no mundo... não é poder carregar tudo: talvez esse trabalho não precise ter cabeça, ou talvez só possa ter cabeça, ele desfaz tudo o que o organismo, o corpo, que só tem uma parte, só tem mão, só acoplagens, só perna e braço... Essa ideia de um corpo que se desfaz constantemente, acho que dá bem rica pra pensar o trabalho se desfazendo, se reconfigurando, se repensando, dispensando partes e acessórios.

F: Como você edita o sonho, como você narra o sonho...

F: Mas se não houver nenhum vínculo o trabalho não vai ser nem incabado, né? Pois não faz sentido pensar em acabado ou incabado se não houver nenhum vínculo de ordem conceitual, política, econômica, social... Isso é muito rico, porque a gente consegue perceber que desfazer certas partes é necessário pra dar o lugar dele no mundo... não é poder carregar tudo: talvez esse trabalho não precise ter cabeça, ou talvez só possa ter cabeça, ele desfaz tudo o que o organismo, o corpo, que só tem uma parte, só tem mão, só acoplagens, só perna e braço... Essa ideia de um corpo que se desfaz constantemente, acho que dá bem rica pra pensar o trabalho se desfazendo, se reconfigurando, se repensando, dispensando partes e acessórios.

F: Mas se não houver nenhum vínculo o trabalho não vai ser nem incabado, né? Pois não faz sentido pensar em acabado ou incabado se não houver nenhum vínculo de ordem conceitual, política, econômica, social... Isso é muito rico, porque a gente consegue perceber que desfazer certas partes é necessário pra dar o lugar dele no mundo... não é poder carregar tudo: talvez esse trabalho não precise ter cabeça, ou talvez só possa ter cabeça, ele desfaz tudo o que o organismo, o corpo, que só tem uma parte, só tem mão, só acoplagens, só perna e braço... Essa ideia de um corpo que se desfaz constantemente, acho que dá bem rica pra pensar o trabalho se desfazendo, se reconfigurando, se repensando, dispensando partes e acessórios.

F: Por exemplo, esse trabalho como resultado de uma performance, ou de uma vivência, de uma ação no tempo, não pretende chegar a um fim que não a retratada do teu corpo da performance. A retratada do teu corpo da performance pictórica é antes de tudo assumir que esse produto tem uma outra condição — que seria decorar o lugar? O fato é que essa relação do que é performance na tua ação, na tua vivência aqui, faz com que essa pintura não possa ser acabada mesmo. Ela fala de uma execução que começa num momento e termina em outro, porque a exaustão já está aí, agora.

F: E mesmo que não houvesse nenhum vínculo o trabalho não vai ser nem incabado, né? Pois não faz sentido pensar em acabado ou incabado se não houver nenhum vínculo de ordem conceitual, política, econômica, social... Isso é muito rico, porque a gente consegue perceber que desfazer certas partes é necessário pra dar o lugar dele no mundo... não é poder carregar tudo: talvez esse trabalho não precise ter cabeça, ou talvez só possa ter cabeça, ele desfaz tudo o que o organismo, o corpo, que só tem uma parte, só tem mão, só acoplagens, só perna e braço... Essa ideia de um corpo que se desfaz constantemente, acho que dá bem rica pra pensar o trabalho se desfazendo, se reconfigurando, se repensando, dispensando partes e acessórios.

F: E mesmo que não houvesse nenhum vínculo o trabalho não vai ser nem incabado, né? Pois não faz sentido pensar em acabado ou incabado se não houver nenhum vínculo de ordem conceitual, política, econômica, social... Isso é muito rico, porque a gente consegue perceber que desfazer certas partes é necessário pra dar o lugar dele no mundo... não é poder carregar tudo: talvez esse trabalho não precise ter cabeça, ou talvez só possa ter cabeça, ele desfaz tudo o que o organismo, o corpo, que só tem uma parte, só tem mão, só acoplagens, só perna e braço... Essa ideia de um corpo que se desfaz constantemente, acho que dá bem rica pra pensar o trabalho se desfazendo, se reconfigurando, se repensando, dispensando partes e acessórios.

F: E mesmo que não houvesse nenhum vínculo o trabalho não vai ser nem incabado, né? Pois não faz sentido pensar em acabado ou incabado se não houver nenhum vínculo de ordem conceitual, política, econômica, social... Isso é muito rico, porque a gente consegue perceber que desfazer certas partes é necessário pra dar o lugar dele no mundo... não é poder carregar tudo: talvez esse trabalho não precise ter cabeça, ou talvez só possa ter cabeça, ele desfaz tudo o que o organismo, o corpo, que só tem uma parte, só tem mão, só acoplagens, só perna e braço... Essa ideia de um corpo que se desfaz constantemente, acho que dá bem rica pra pensar o trabalho se desfazendo, se reconfigurando, se repensando, dispensando partes e acessórios.

F: E mesmo que não houvesse nenhum vínculo o trabalho não vai ser nem incabado, né? Pois não faz sentido pensar em acabado ou incabado se não houver nenhum vínculo de ordem conceitual, política, econômica, social... Isso é muito rico, porque a gente consegue perceber que desfazer certas partes é necessário pra dar o lugar dele no mundo... não é poder carregar tudo: talvez esse trabalho não precise ter cabeça, ou talvez só possa ter cabeça, ele desfaz tudo o que o organismo, o corpo, que só tem uma parte, só tem mão, só acoplagens, só perna e braço... Essa ideia de um corpo que se desfaz constantemente, acho que dá bem rica pra pensar o trabalho se desfazendo, se reconfigurando, se repensando, dispensando partes e acessórios.

F: E mesmo que não houvesse nenhum vínculo o trabalho não vai ser nem incabado, né? Pois não faz sentido pensar em acabado ou incabado se não houver nenhum vínculo de ordem conceitual, política, econômica, social... Isso é muito rico, porque a gente consegue perceber que desfazer certas partes é necessário pra dar o lugar dele no mundo... não é poder carregar tudo: talvez esse trabalho não precise ter cabeça, ou talvez só possa ter cabeça, ele desfaz tudo o que o organismo, o corpo, que só tem uma parte, só tem mão, só acoplagens, só perna e braço... Essa ideia de um corpo que se desfaz constantemente, acho que dá bem rica pra pensar o trabalho se desfazendo, se reconfigurando, se repensando, dispensando partes e acessórios.

F: E mesmo que não houvesse nenhum vínculo o trabalho não vai ser nem incabado, né? Pois não faz sentido pensar em acabado ou incabado se não houver nenhum vínculo de ordem conceitual, política, econômica, social... Isso é muito rico, porque a gente consegue perceber que desfazer certas partes é necessário pra dar o lugar dele no mundo... não é poder carregar tudo: talvez esse trabalho não precise ter cabeça, ou talvez só possa ter cabeça, ele desfaz tudo o que o organismo, o corpo, que só tem uma parte, só tem mão, só acoplagens, só perna e braço... Essa ideia de um corpo que se desfaz constantemente, acho que dá bem rica pra pensar o trabalho se desfazendo, se reconfigurando, se repensando, dispensando partes e acessórios.

F: E mesmo que não houvesse nenhum vínculo o trabalho não vai ser nem incabado, né? Pois não faz sentido pensar em acabado ou incabado se não houver nenhum vínculo de ordem conceitual, política, econômica, social... Isso é muito rico, porque a gente consegue perceber que desfazer certas partes é necessário pra dar o lugar dele no mundo... não é poder carregar tudo: talvez esse trabalho não precise ter cabeça, ou talvez só possa ter cabeça, ele desfaz tudo o que o organismo, o corpo, que só tem uma parte, só tem mão, só acoplagens, só perna e braço... Essa ideia de um corpo que se desfaz constantemente, acho que dá bem rica pra pensar o trabalho se desfazendo, se reconfigurando, se repensando, dispensando partes e acessórios.

F: E mesmo que não houvesse nenhum vínculo o trabalho não vai ser nem incabado, né? Pois não faz sentido pensar em acabado ou incabado se não houver nenhum vínculo de ordem conceitual, política, econômica, social... Isso é muito rico, porque a gente consegue perceber que desfazer certas partes é necessário pra dar o lugar dele no mundo... não é poder carregar tudo: talvez esse trabalho não precise ter cabeça, ou talvez só possa ter cabeça, ele desfaz tudo o que o organismo, o corpo, que só tem uma parte, só tem mão, só acoplagens, só perna e braço... Essa ideia de um corpo que se desfaz constantemente, acho que dá bem rica pra pensar o trabalho se desfazendo, se reconfigurando, se repensando, dispensando partes e acessórios.

F: E mesmo que não houvesse nenhum vínculo o trabalho não vai ser nem incabado, né? Pois não faz sentido pensar em acabado ou incabado se não houver nenhum vínculo de ordem conceitual, política, econômica, social... Isso é muito rico, porque a gente consegue perceber que desfazer certas partes é necessário pra dar o lugar dele no mundo... não é poder carregar tudo: talvez esse trabalho não precise ter cabeça, ou talvez só possa ter cabeça, ele desfaz tudo o que o organismo, o corpo, que só tem uma parte, só tem mão, só acoplagens, só perna e braço... Essa ideia de um corpo que se desfaz constantemente, acho que dá bem rica pra pensar o trabalho se desfazendo, se reconfigurando, se repensando, dispensando partes e acessórios.

F: E mesmo que não houvesse nenhum vínculo o trabalho não vai ser nem incabado, né? Pois não faz sentido pensar em acabado ou incabado se não houver nenhum vínculo de ordem conceitual, política, econômica, social... Isso é muito rico, porque a gente consegue perceber que desfazer certas partes é necessário pra dar o lugar dele no mundo... não é poder carregar tudo: talvez esse trabalho não precise ter cabeça, ou talvez só possa ter cabeça, ele desfaz tudo o que o organismo, o corpo, que só tem uma parte, só tem mão, só acoplagens, só perna e braço... Essa ideia de um corpo que se desfaz constantemente, acho que dá bem rica pra pensar o trabalho se desfazendo, se reconfigurando, se repensando, dispensando partes e acessórios.

F: E mesmo que não houvesse nenhum vínculo o trabalho não vai ser nem incabado, né? Pois não faz sentido pensar em acabado ou incabado se não houver nenhum vínculo de ordem conceitual, política, econômica, social... Isso é muito rico, porque a gente consegue perceber que desfazer certas partes é necessário pra dar o lugar dele no mundo... não é poder carregar tudo: talvez esse trabalho não precise ter cabeça, ou talvez só possa ter cabeça, ele desfaz tudo o que o organismo, o corpo, que só tem uma parte, só tem mão, só acoplagens, só perna e braço... Essa ideia de um corpo que se desfaz constantemente, acho que dá bem rica pra pensar o trabalho se desfazendo, se reconfigurando, se repensando, dispensando partes e acessórios.

F: E mesmo que não houvesse nenhum vínculo o trabalho não vai ser nem incabado, né? Pois não faz sentido pensar em acabado ou incabado se não houver nenhum vínculo de ordem conceitual, política, econômica, social... Isso é muito rico, porque a gente consegue perceber que desfazer certas partes é necessário pra dar o lugar dele no mundo... não é poder carregar tudo: talvez esse trabalho não precise ter cabeça, ou talvez só possa ter cabeça, ele desfaz tudo o que o organismo, o corpo, que só tem uma parte, só tem mão, só acoplagens, só perna e braço... Essa ideia de um corpo que se desfaz constantemente, acho que dá bem rica pra pensar o trabalho se desfazendo, se reconfigurando, se repensando, dispensando partes e acessórios.

F: E mesmo que não houvesse nenhum vínculo o trabalho não vai ser nem incabado, né? Pois não faz sentido pensar em acabado ou incabado se não houver nenhum vínculo de ordem conceitual, política, econômica, social... Isso é muito rico, porque a gente consegue perceber que desfazer certas partes é necessário pra dar o lugar dele no mundo... não é poder carregar tudo: talvez esse trabalho não precise ter cabeça, ou talvez só possa ter cabeça, ele desfaz tudo o que o organismo, o corpo, que só tem uma parte, só tem mão, só acoplagens, só perna e braço... Essa ideia de um corpo que se desfaz constantemente, acho que dá bem rica pra pensar o trabalho se desfazendo, se reconfigurando, se repensando, dispensando partes e acessórios.

F: E mesmo que não houvesse nenhum vínculo o trabalho não vai ser nem incabado, né? Pois não faz sentido pensar em acabado ou incabado se não houver nenhum vínculo de ordem conceitual, política, econômica, social... Isso é muito rico, porque a gente consegue perceber que desfazer certas partes é necessário pra dar o lugar dele no mundo... não é poder carregar tudo: talvez esse trabalho não precise ter cabeça, ou talvez só possa ter cabeça, ele desfaz tudo o que o organismo, o corpo, que só tem uma parte, só tem mão, só acoplagens, só perna e braço... Essa ideia de um corpo que se desfaz constantemente, acho que dá bem rica pra pensar o trabalho se desfazendo, se reconfigurando, se repensando, dispensando partes e acessórios.

F: E mesmo que não houvesse nenhum vínculo o trabalho não vai ser nem incabado, né? Pois não faz sentido pensar em acabado ou incabado se não houver nenhum vínculo de ordem conceitual, política, econômica, social... Isso é muito rico, porque a gente consegue perceber que desfazer certas partes é necessário pra dar o lugar dele no mundo... não é poder carregar tudo: talvez esse trabalho não precise ter cabeça, ou talvez só possa ter cabeça, ele desfaz tudo o que o organismo, o corpo, que só tem uma parte, só tem mão, só acoplagens, só perna e braço... Essa ideia de um corpo que se desfaz constantemente, acho que dá bem rica pra pensar o trabalho se desfazendo, se reconfigurando, se repensando, dispensando partes e acessórios.

F: E mesmo que não houvesse nenhum vínculo o trabalho não vai ser nem incabado, né? Pois não faz sentido pensar em acabado ou incabado se não houver nenhum vínculo de ordem conceitual, política, econômica, social... Isso é muito rico, porque a gente consegue perceber que desfazer certas partes é necessário pra dar o lugar dele no mundo... não é poder carregar tudo: talvez esse trabalho não precise ter cabeça, ou talvez só possa ter cabeça, ele desfaz tudo o que o organismo, o corpo, que só tem uma parte, só tem mão, só acoplagens, só perna e braço... Essa ideia de um corpo que se desfaz constantemente, acho que dá bem rica pra pensar o trabalho se desfazendo, se reconfigurando, se repensando, dispensando partes e acessórios.

F: E mesmo que não houvesse nenhum vínculo o trabalho não vai ser nem incabado, né? Pois não faz sentido pensar em acabado ou incabado se não houver nenhum vínculo de ordem conceitual, política, econômica, social... Isso é muito rico, porque a gente consegue perceber que desfazer certas partes é necessário pra dar o lugar dele no mundo... não é poder carregar tudo: talvez esse trabalho não precise ter cabeça, ou talvez só possa ter cabeça, ele desfaz tudo o que o organismo, o corpo, que só tem uma parte, só tem mão, só acoplagens, só perna e braço... Essa ideia de um corpo que se desfaz constantemente, acho que dá bem rica pra pensar o trabalho se desfazendo, se reconfigurando, se repensando, dispensando partes e acessórios.

F: E mesmo que não houvesse nenhum vínculo o trabalho não vai ser nem incabado, né? Pois não faz sentido pensar em acabado ou incabado se não houver nenhum vínculo de ordem conceitual, política, econômica, social... Isso é muito rico, porque a gente consegue perceber que desfazer certas partes é necessário pra dar o lugar dele no mundo... não é poder carregar tudo: talvez esse trabalho não precise ter cabeça, ou talvez só possa ter cabeça, ele desfaz tudo o que o organismo, o corpo, que só tem uma parte, só tem mão, só acoplagens, só perna e braço... Essa ideia de um corpo que se desfaz constantemente, acho que dá bem rica pra pensar o trabalho se desfazendo, se reconfigurando, se repensando, dispensando partes e acessórios.

F: E mesmo que não houvesse nenhum vínculo o trabalho não vai ser nem incabado, né? Pois não faz sentido pensar em acabado ou incabado se não houver nenhum vínculo de ordem conceitual, política, econômica, social... Isso é muito rico, porque a gente consegue perceber que desfazer certas partes é necessário pra dar o lugar dele no mundo... não é poder carregar tudo: talvez esse trabalho não precise ter cabeça, ou talvez só possa ter cabeça, ele desfaz tudo o que o organismo, o corpo, que só tem uma parte, só tem mão, só acoplagens, só perna e braço... Essa ideia de um corpo que se desfaz constantemente, acho que dá bem rica pra pensar o trabalho se desfazendo, se reconfigurando, se repensando, dispensando partes e acessórios.

F: Quando você deixa a coisa acontecer e não sabe muito bem pra onde vai, está lidando um pouco com o sonho, não é? O sonho tem essa "cara", ele acontece... eventualmente você determina, controla, mexe no sonho, mas em geral a gente sonha simplesmente, ou o sonho sonha na gente... aí entra um *link* entre o sonho e a performance, ou seja, a estrutura da performance como sendo essa estrutura do sonho: a performance ligada a um *happening*, a um acontecimento. Lembrando o Safate, ele diz que "todos" os acontecimentos históricos importantes têm a ver com o não saber. E permitir isso que eu não sei, dar força para isso, me parece um assunto que permeia o teu trabalho.

F: Quando você deixa a coisa acontecer e não sabe muito bem pra onde vai, está lidando um pouco com o sonho, não é? O sonho tem essa "cara", ele acontece... eventualmente você determina, controla, mexe no sonho, mas em geral a gente sonha simplesmente, ou o sonho sonha na gente... aí entra um *link* entre o sonho e a performance, ou seja, a estrutura da performance como sendo essa estrutura do sonho: a performance ligada a um *happening*, a um acontecimento. Lembrando o Safate, ele diz que "todos" os acontecimentos históricos importantes têm a ver com o não saber. E permitir isso que eu não sei, dar força para isso, me parece um assunto que permeia o teu trabalho.

F: Quando você deixa a coisa acontecer e não sabe muito bem pra onde vai, está lidando um pouco com o sonho, não é? O sonho tem essa "cara", ele acontece... eventualmente você determina, controla, mexe no sonho, mas em geral a gente sonha simplesmente, ou o sonho sonha na gente... aí entra um *link* entre o sonho e a performance, ou seja, a estrutura da performance como sendo essa estrutura do sonho: a performance ligada a um *happening*, a um acontecimento. Lembrando o Safate, ele diz que "todos" os acontecimentos históricos importantes têm a ver com o não saber. E permitir isso que eu não sei, dar força para isso, me parece um assunto que permeia o teu trabalho.

F: Quando você deixa a coisa acontecer e não sabe muito bem pra onde vai, está lidando um pouco com o sonho, não é? O sonho tem essa "cara", ele acontece... eventualmente você determina, controla, mexe no sonho, mas em geral a gente sonha simplesmente, ou o sonho sonha na gente... aí entra um *link* entre o sonho e a performance, ou seja, a estrutura da performance como sendo essa estrutura do sonho: a performance ligada a um *happening*, a um acontecimento. Lembrando o Safate, ele diz que "todos" os acontecimentos históricos importantes têm a ver com o não saber. E permitir isso que eu não sei, dar força para isso, me parece um assunto que permeia o teu trabalho.

F: Quando você deixa a coisa acontecer e não sabe muito bem pra onde vai, está lidando um pouco com o sonho, não é? O sonho tem essa "cara", ele acontece... eventualmente você determina, controla, mexe no sonho, mas em geral a gente sonha simplesmente, ou o sonho sonha na gente... aí entra um *link* entre o sonho e a performance, ou seja, a estrutura da performance como sendo essa estrutura do sonho: a performance ligada a um *happening*, a um acontecimento. Lembrando o Safate, ele diz que "todos" os acontecimentos históricos importantes têm a ver com o não saber. E permitir isso que eu não sei, dar força para isso, me parece um assunto que permeia o teu trabalho.

F: Quando você deixa a coisa acontecer e não sabe muito bem pra onde vai, está lidando um pouco com o sonho, não é? O sonho tem essa "cara", ele acontece... eventualmente você determina, controla, mexe no sonho, mas em geral a gente sonha simplesmente, ou o sonho sonha na gente... aí entra um *link* entre o sonho e a performance, ou seja, a estrutura da performance como sendo essa estrutura do sonho: a performance ligada a um *happening*, a um acontecimento. Lembrando o Safate, ele diz que "todos" os acontecimentos históricos importantes têm a ver com o não saber. E permitir isso que eu não sei, dar força para isso, me parece um assunto que permeia o teu trabalho.

F: Quando você deixa a coisa acontecer e não sabe muito bem pra onde vai, está lidando um pouco com o sonho, não é? O sonho tem essa "cara", ele acontece... eventualmente você determina, controla, mexe no sonho, mas em geral a gente sonha simplesmente, ou o sonho sonha na gente... aí entra um *link* entre o sonho e a performance, ou seja, a estrutura da performance como sendo essa estrutura do sonho: a performance ligada a um *happening*, a um acontecimento. Lembrando o Safate, ele diz que "todos" os acontecimentos históricos importantes têm a ver com o não saber. E permitir isso que eu não sei, dar força para isso, me parece um assunto que permeia o teu trabalho.

F: Quando você deixa a coisa acontecer e não sabe muito bem pra onde vai, está lidando um pouco com o sonho, não é? O sonho tem essa "cara", ele acontece... eventualmente você determina, controla, mexe no sonho, mas em geral a gente sonha simplesmente, ou o sonho sonha na gente... aí entra um *link* entre o sonho e a performance, ou seja, a estrutura da performance como sendo essa estrutura do sonho: a performance ligada a um *happening*, a um acontecimento. Lembrando o Safate, ele diz que "todos" os acontecimentos históricos importantes têm a ver com o não saber. E permitir isso que eu não sei, dar força para isso, me parece um assunto que permeia o teu trabalho.

F: Quando você deixa a coisa acontecer e não sabe muito bem pra onde vai, está lidando um pouco com o sonho, não é? O sonho tem essa "cara", ele acontece... eventualmente você determina, controla, mexe no sonho, mas em geral a gente sonha simplesmente, ou o sonho sonha na gente... aí entra um *link* entre o sonho e a performance, ou seja, a estrutura da performance como sendo essa estrutura do sonho: a performance ligada a um *happening*, a um acontecimento. Lembrando o Safate, ele diz que "todos" os acontecimentos históricos importantes têm a ver com o não saber. E permitir isso que eu não sei, dar força para isso, me parece um assunto que permeia o teu trabalho.

F: Quando você deixa a coisa acontecer e não sabe muito bem pra onde vai, está lidando um pouco com o sonho, não é? O sonho tem essa "cara", ele acontece... eventualmente você determina, controla, mexe no sonho, mas em geral a gente sonha simplesmente, ou o sonho sonha na gente... aí entra um *link* entre o sonho e a performance, ou seja, a estrutura da performance como sendo essa estrutura do sonho: a performance ligada a um *happening*, a um acontecimento. Lembrando o Safate, ele diz que "todos" os acontecimentos históricos importantes têm a ver com o não saber. E permitir isso que eu não sei, dar força para isso, me parece um assunto que permeia o teu trabalho.

F: Quando você deixa a coisa acontecer e não sabe muito bem pra onde vai, está lidando um pouco com o sonho, não é? O sonho tem essa "cara", ele acontece... eventualmente você determina, controla, mexe no sonho, mas em geral a gente sonha simplesmente, ou o sonho sonha na gente... aí entra um *link* entre o sonho e a performance, ou seja, a estrutura da performance como sendo essa estrutura do sonho: a performance ligada a um *happening*, a um acontecimento. Lembrando o Safate, ele diz que "todos" os acontecimentos históricos importantes têm a ver com o não saber. E permitir isso que eu não sei, dar força para isso, me parece um assunto que permeia o teu trabalho.

F: Quando você deixa a coisa acontecer e não sabe muito bem pra onde vai, está lidando um pouco com o sonho, não é? O sonho tem essa "cara", ele acontece... eventualmente você determina, controla, mexe no sonho, mas em geral a gente sonha simplesmente, ou o sonho sonha na gente... aí entra um *link* entre o sonho e a performance, ou seja, a estrutura da performance como sendo essa estrutura do sonho: a performance ligada a um *happening*, a um acontecimento. Lembrando o Safate, ele diz que "todos" os acontecimentos históricos importantes têm a ver com o não saber. E permitir isso que eu não sei, dar força para isso, me parece um assunto que permeia o teu trabalho.

F: Quando você deixa a coisa acontecer e não sabe muito bem pra onde vai, está lidando um pouco com o sonho, não é? O sonho tem essa "cara", ele acontece... eventualmente você determina, controla, mexe no sonho, mas em geral a gente sonha simplesmente, ou o sonho sonha na gente... aí entra um *link* entre o sonho e a performance, ou seja, a estrutura da performance como sendo essa estrutura do sonho: a performance ligada a um *happening*, a um acontecimento. Lembrando o Safate, ele diz que "todos" os acontecimentos históricos importantes têm a ver com o não saber. E permitir isso que eu não sei, dar força para isso, me parece um assunto que permeia o teu trabalho.

F: Quando você deixa a coisa acontecer e não sabe muito bem pra onde vai, está lidando um pouco com o sonho, não é? O sonho tem essa "cara", ele acontece... eventualmente você determina, controla, mexe no sonho, mas em geral a gente sonha simplesmente, ou o sonho sonha na gente... aí entra um *link* entre o sonho e a performance, ou seja, a estrutura da performance como sendo essa estrutura do sonho: a performance ligada a um *happening*, a um acontecimento. Lembrando o Safate, ele

